

INTRODUÇÃO

Nas aulas 25 e 26, dedicaremos nosso estudo à estética parnasiana, cujos principais preceitos giram em torno do preciosismo; da objetividade e impessoalidade; da “Arte Pela Arte”; e do culto à forma.



O PARNASIANISMO

A poesia parnasiana preocupa-se com a forma e a objetividade, com seus sonetos alexandrinos perfeitos. Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira formam a trindade parnasiana. O Parnasianismo é a manifestação poética do

Realismo, dizem alguns estudiosos da literatura brasileira, embora ideologicamente não mantenha todos os pontos de contato com os romancistas realistas e naturalistas. Seus poetas estavam à margem das grandes transformações do final do século XIX e início do século XX.

Culto à forma - A nova estética se manifesta a partir do final da década de 1870, prolongando-se até a Semana de Arte Moderna. Em alguns casos chegou a ultrapassar o ano de 1922 (não considerando, é claro, o neoparnasianismo). Objetividade temática e culto da forma: eis a receita. A forma fixa representada pelos sonetos; a métrica dos versos alexandrinos perfeitos; a rima rica, rara e perfeita. Isto tudo como negação da poesia romântica dos versos livres e brancos. Em suma, é o endeuamento da forma.

Diferentemente do Realismo e do Naturalismo, que se voltavam para o exame da realidade, o Parnasianismo representou na poesia o retorno à orientação clássica, ao princípio do belo na arte, à busca do equilíbrio e da perfeição formal. Os parnasianos acreditavam que o sentido maior da arte reside nela mesma, em sua perfeição, e não no mundo exterior.

Se examinarmos a sequência histórica da arte e da literatura, veremos que elas se constroem a partir de ciclos. O homem está sempre composto com aquilo que considera ultrapassado e propondo algo “novo”. Contudo esse novo, muitas vezes, não passa de algo ainda mais velho, revestido de uma linhagem diferente.

Assim foi o Parnasianismo no Brasil, na década de 80 do século XIX. Depois da revolução romântica, que impôs novos parâmetros e valores artísticos, surgiu em nosso país um grupo de poetas parnasianos que desejava restaurar a poesia clássica, desprezada pelos românticos.

Os parnasianos achavam que certos princípios românticos, como a busca de uma poesia mais acessível, da paisagem nacional, de uma língua brasileira, dos sentimentos, tudo isso

teria feito perder as verdadeiras qualidades da poesia. Em seu lugar propõem, então, uma poesia objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, perfeita do ponto de vista formal e voltada a temas universais.

A “ARTE PELA ARTE”

Apesar de contemporâneos, o Parnasianismo difere profundamente do Realismo e do Naturalismo. Enquanto esses movimentos se propunham a analisar e compreender a realidade social e humana, o Parnasianismo se distancia da realidade e se volta para si mesmo. Defendendo o princípio da “arte pela arte”, os parnasianos achavam que o objetivo maior da arte não é tratar dos problemas humanos e sociais, mas alcançar a “perfeição” em sua construção: rimas, métrica, imagens, vocabulário seletivo, equilíbrio, controle das emoções, etc.

A “ARTE PELA ARTE”

Distanciados dos problemas sociais, alguns parnasianos dedicam-se a tematizar em seus poemas a própria arte. Por exemplo, descrevem com precisão obras de arte, como vasos, peças de escultura, lápides tumulares, bordados, etc. Nesse caso, trata-se de uma restrição ainda maior do princípio da “arte pela arte”, que se transforma em “arte sobre a arte”.

A INFLUÊNCIA CLÁSSICA

A origem da palavra **Parnasianismo** associa-se ao Parnaso grego, segundo a lenda, um monte da Fócida, na Grécia central, consagrado a Apolo e às musas. A escolha do nome já comprova o interesse dos parnasianos pela tradição clássica. Acreditavam que, assim, estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo e, ao mesmo tempo, garantindo o equilíbrio desejado, por se apoiarem nos modelos clássicos.

Contudo a presença de elementos clássicos na poesia parnasiana não ia além de algumas referências a personagens da mitologia e de um enorme esforço de equilíbrio formal. Pode-se afirmar que não passava de um verniz que revestiu artificialmente essa arte, como forma de garantir-lhe prestígio entre as camadas letradas do público consumidor brasileiro.

A LINGUAGEM DA POESIA PARNASIANA

A poesia parnasiana pretende ser universal. Por isso utiliza uma linguagem objetiva, que busca a contenção dos sentimentos e a perfeição formal. Seus temas são, igualmente, universais: a natureza, o tempo, o amor, objetos de arte e, principalmente, a próprio poesia.

A MÁQUINA DE FAZER VERSOS

O poeta modernista Oswald de Andrade, em seu Manifesto da Poesia Pau-Brasil, desfere várias críticas aos poetas parnasianos, dentre as quais a rigidez formal excessiva e a falta da liberdade no ato de criação poética. Diz ele, ironicamente: "Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano".

Leitura

O poema que segue, de Olavo Bilac, representa uma espécie de plataforma teórica do Parnasianismo no Brasil, embora o movimento já estivesse implantado em nosso país quando de sua publicação. Nele pode ser encontrado o projeto estético de seu autor e dos parnasianos em geral.

Profissão de fé

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em outro, o alto-relevo
Faz de uma flor.

Imito-O. E, pois nem de **Carrara**
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o **cinzel**.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de outro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De **Becerril**

E horas sem conta passo, mudo,
O olhar atento,

A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!
(Em *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1957. p. 39-40)

Carrara: cidade italiana famosa pela qualidade do mármore branco que produz.

cinzel: instrumento de corte usado por escultores e gravadores.

Becerril: nome de um famoso artesão.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM PARNASIANA

Como síntese, podemos esquematizar as características da poesia parnasiana do seguinte modo:

- Busca da perfeição formal
- Vocabulário culto
- Gosto pelo soneto
- Rimas raras; chaves de ouro
- Gosto pelas descrições
- Objetivismo
- Racionalismo, contenção das emoções
- Universalismo
- Apego à tradição clássica
- Presença da mitologia
- "Arte pela arte"

Vila Rica

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, ciciza, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

(Em Antonio Candido e J. A. Castello. Op. cit., v. 2, p. 210)

Perceba as qualidades técnicas deste poema: as sugestões sonoras (por exemplo, o badalar do sino sugerido pelos sons nasais e pelo “g” no 1º verso da 2ª estrofe); as sugestões cromáticas do ouro (luz do sol e do ouro das minas) e do negro (da noite, do passado e do próprio nome da cidade). Note também as oposições existentes no texto, que reforçam o contraste entre passado e presente, riqueza e pobreza, o passado glorioso e o presente humilde, dia e noite. No “soluçar” do tempo que há a repetição do som “s” na última estrofe, lembrando um choro, sugerem-se também os sofrimentos amorosos de Marília e Dirceu e os dos inconfindentes mineiros. Trata-se, portanto, de um poema que consegue unir técnicas de construção a um rico conteúdo histórico – qualidades que nem sempre foram alcançadas por todos os parnasianos.

Dentre as obras que Bilac escreveu, destacam-se: *Vila láctea*, em que a objetividade parnasiana evolui para uma postura mais intimista e subjetiva; *Sarças de fogo*, em que predominam a objetividade e o sensualismo; e *o caçador de esmeraldas*, obra de preocupação histórica e nacionalista.

Leitura

O soneto que segue é um dos mais conhecidos poemas da obra *Vila láctea*, de Olavo Bilac.

Via Láctea - Soneto XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" Eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A vida láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procura pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

(Olavo Bilac).

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gémea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

(Olavo Bilac)

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!